

# PRIMEIRA CRÍTICA

O Exercício — texto de Lewis John Carlino, encenado por Dimer Monteiro. Com João Antonio e Iara Pietricovski. Produção de José de Souza Neto (Zecabruxo). Teatro Galpão, 21 horas.



João  
Antonio  
e  
Iara:  
interpretações  
vigorosas

## O Exercício

São duas as opções interpretativas diante de um texto como o de Lewis John Carlino (na nossa opinião, muito melhor como roteirista cinematográfico do que como dramaturgo). Ou se opta por uma consideração sobre o texto, e se estende essa consideração ao próprio espetáculo ou a preocupação analítica se detém única e exclusivamente sobre o espetáculo e todas as suas variantes. No primeiro caso o texto de Carlino revela o seu vigor e força imediatos, um admirável fôlego dramático numa alquimia perfeita de emoções...mas desprovido de um significado histórico maior, particularizando determinadas emoções e sentimentos que de forma alguma são universais da maneira como o autor os coloca (coisa que ele repetiu em dose menor no roteiro que elaborou para o *Ardil 22* de Mike Nichols — foi bem contido por Buck Henri e as coisas não se tornaram tão pretas). Em certos instantes, a construção de personagem chega a ser tão egoística (ou seria algum reflexo da etnocêntrica urbana?) que sua força dilui-se nas próprias palavras.

Mas, levando-se em conta o espetáculo enquanto *mise-en-scene*, a ótica muda um pouco: dois atores — ligados afetivamente por encontros e desconcontros anteriores — unem-se antes de um dos ensaios da peça que pretendem encenar para uma série de exercícios, de laboratórios. De revelação em revelação, o real confunde-se com o fingimento, e as relações entre ambos tornam-se mais íntimas, mais profundas, a medida em que as agressões e a ternura se sucede. Ao final, ~~deveras desgastante, o encontro verdadeiro~~ acontece.

Carlino, para objetivar o seu "inferno" interior, serviu-se muito bem das palavras. Iara

Mas, levando-se em conta o espetáculo enquanto *mise-en-scene*, a ótica muda um pouco: dois atores — ligados afetivamente por encontros e desconcontros anteriores — unem-se antes de um dos ensaios da peça que pretendem encenar para uma série de exercícios, de laboratórios. De revelação em revelação, o real confunde-se com o fingimento, e as relações entre ambos tornam-se mais íntimas, mais profundas, a medida em que as agressões e a ternura se sucede. Ao final, ~~deveras desgastante, o encontro verdadeiro~~ acontece.

Carlino, para objetivar o seu "inferno" interior, serviu-se muito bem das palavras. Logo, é no tour-de-force dos atores que o espetáculo se sustenta. De cara, o texto revela-se como um exercício exaustivo para o ator pois explora aquelas "possibilidades empáticas" que Lee Strassberg tão bem soube impor aos seus discípulos do Actor's Studio. A direção (isto é, se nós colocarmos dentro dos parâmetros de Strassberg) compete dosar os influxos interpretivos, montando-os convenientemente.

E é uma montagem exata que verificamos nesse espetáculo do Galpão. Os atores estão precisos, contidos no âmbito das suas possibilidades (e não das do texto, o que iria redundar num perigosíssimo *overacting*, completamente desnecessário). João Antonio e Iara (esta, subindo muito de rendimento no segundo ato — no primeiro há uma certa hesitação, refletida principalmente na uniforme entonação vocal, o que dá um tom meio distanciado à interpretação) estão excelentes. Cada um ao seu turno, oferece uma autêntica ginástica dramática, uma gangorra histriônica onde cada momento é bem definido, bem marcado. A cena da simulação de ambos. Tudo colocado no seu devido lugar, sem exageros e evidenciando-se a noção-de-personagem, coisa raríssima no campo interpretativo atual e em nossos atores. (A rigor, apenas Venerando Ribeiro evidenciara tal noção ao compor o seu excelente D. Manoel no 370 léguas de Cabo Verde)

Um outro mérito, desta vez prerrogativa da sóbria e elegante direção de Dimer Monteiro: o segundo ato é visivelmente inferior ao primeiro; a sofreguidão de Carlino em "justificar" os seus personagens diante do mundo o leva a uma série de situações redículas — apesar de construídas com rara dignidade — de auto-comiseração interior, e o texto torna-se obvio, demonstratório (tal e qual aquele outro exercício de John Guare, "Um dia de surpresas", salvo também por uma direção engenhosíssima) e conseqüentemente sem o menor sentido. Diante desse fato, a direção optou por uma maior leveza no tratamento cênico deste segundo ato; os atores não estão adensados como no início, e há inclusive uma certa ironia cênica, evidenciada na marcação (bem mais expandente do que a do primeiro ato). Só assim esta segunda parte torna-se digerível e poderíamos mesmo dizer harmoniza-se com a primeira, de insólita e bizarra poesia.

Diante de tantos obstáculos (criados única e exclusivamente pelas louváveis intenções de Carlino em fazer do seu texto uma tabula-rasa dos sentimentos do mundo — no que se enganou quanto a densidade e a qualidade desses sentimentos) "O Exercício" torna-se uma escalada difícilíssima, tanto para diretor como para atores. A simples encenação não basta pois cairíamos forçosamente naquela premissa interpretativa a qual nos referimos no início. E nesse caso tudo redundaria num feérico fracasso por conta e risco de um texto tão remoroso quanto o velho caminhão.

Havendo a consciencia desses "perigos", dessas "simpáticas" armadilhas que a ingenuidade de Carlino nos armou, o resultado é bem diferente. Há um espetáculo e não- apenas um texto de discutíveis qualidades. E em termos cênicos, enquanto-e-como espetáculo, **O Exercício** é, certamente, uma das produções mais equilibradas e corretas deste ano, pois consegue manter-se equidistante a todas as arestas que uma reflexão impensada sobre o ser humano produziu. (O erro de Carlino foi justamente esse: supor que poder-se-ia extrapolar do palco à existência real tudo aquilo que era privilégio apenas de uma e somente uma personalidade — engendramentos de noites mal dormidas. Ele fez um belo diário íntimo, mas nunca um trabalho estético universal).

Consciente disso, "O Exercício" que assistimos dá uma demonstração de como se pode brincar com fogo, se sequer sair-se chamuscado — antes, pelo contrário.

**Marcílio Farias**